

ELMO ELTON

(Do P. E. N. Clube do Brasil)

HIRSON BEZERRA FERNANDES

(Do Clube Internacional de Ex libris)

O EX LIBRIS
E O
BARÃO DO RIO BRANCO

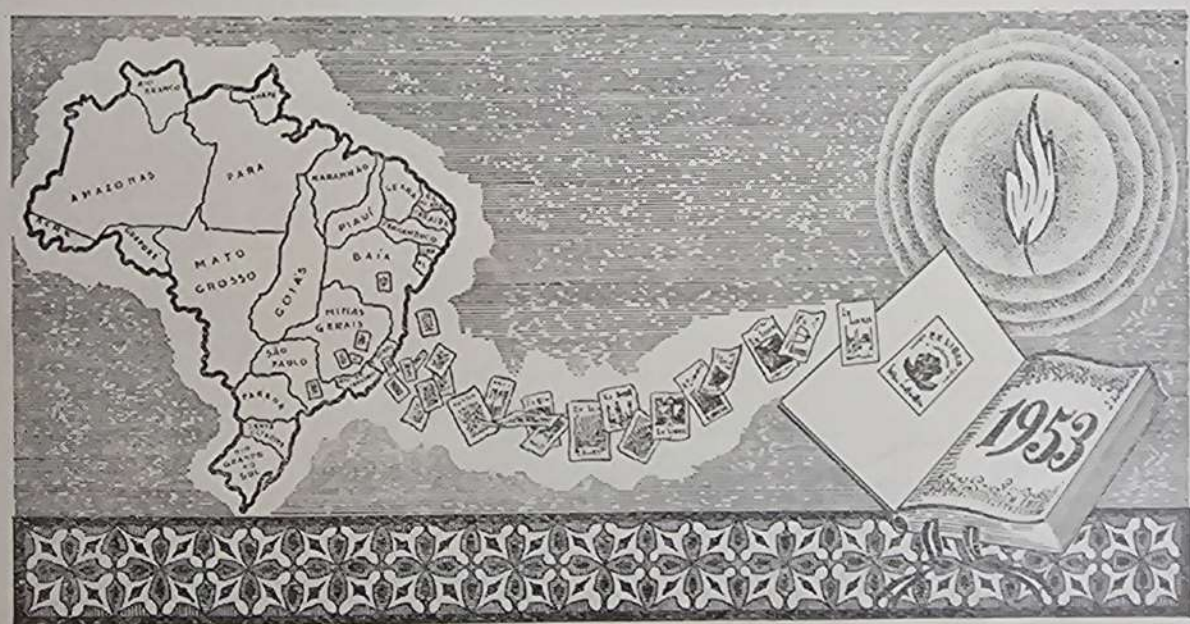
RIO DE JANEIRO

1953

097(21)
E e
1477

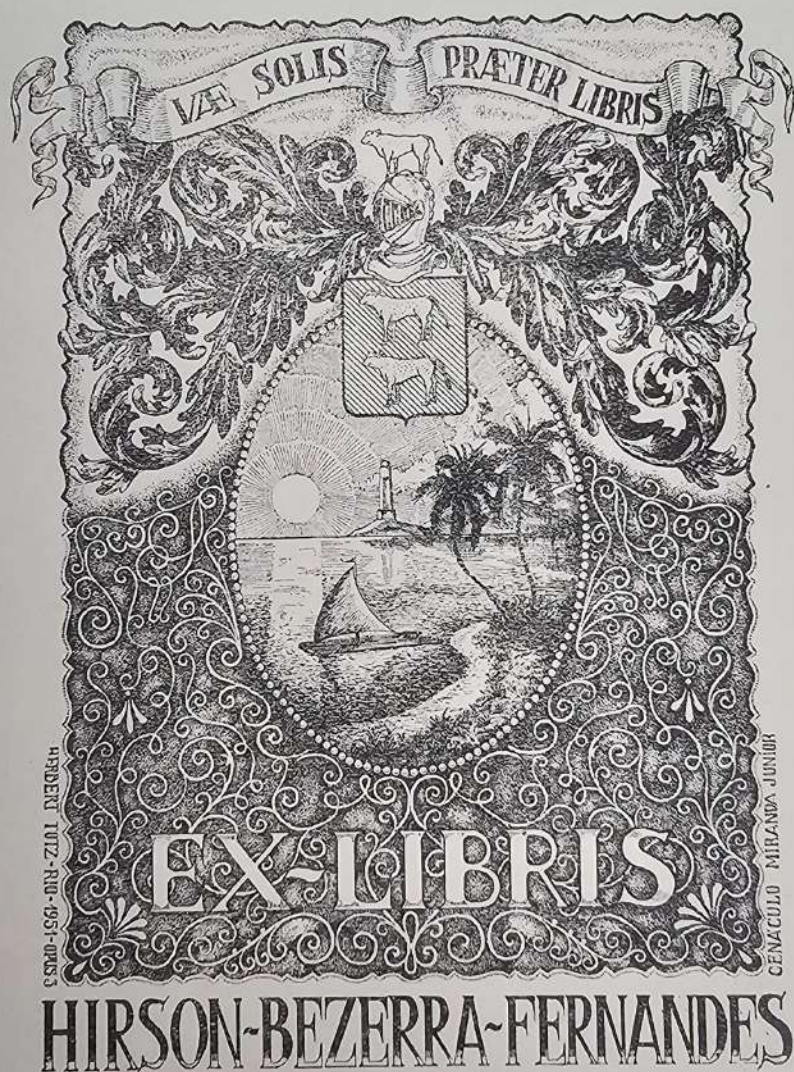


O EX LIBRIS E O BARÃO DO RIO BRANCO





Ex libris de Elmo Elton



Ex libris de Hirson Bezerra Fernandes

A ALBERTO LIMA,
o maior ex-librista do Brasil.

Muito se tem escrito ultimamente, mesmo entre nós, sobre o *ex libris*. Mas o certo é que, embora seja vasta a sua literatura, muitas pessoas ainda não conhecem a sua verdadeira significação. Criado, de início, com o nome de *ex bibliotheca* e *ex dono*, passou, pouco depois, a ser conhecido, universalmente, pela denominação latina *ex libris*, que quer dizer *dos livros*. Seu uso se destina, em geral, às bibliotecas, servindo, também, de insígnia àqueles que possuem livros. Veio, de certo modo, substituir os carimbos, vinhetas tipográficas e assinaturas nos livros.

Assim sendo, o *ex libris*, a ser colocado na parte interna da capa de cada livro de uma estante, deve ser sempre um objeto de arte, de caráter pessoal, idealizado por seu possuidor, embora a sua realização artística e técnica seja por outrem executada.

Todo *ex libris* deve trazer, como elemento indispensável, o nome de quem vai usá-lo, bem como traços da personalidade de seu proprietário. Dêse modo confeccionado, cada uma dessas *marcas de posse* vale, segundo a expressão feliz de Jules Martold, como um legítimo “brasão do espírito”, de indiscutível valor psicológico.

Podemos, na apreciação de um *ex libris*, conhecer as tendências sentimentais e até profissionais de uma pessoa, sendo condenadas essas siglas que, nos seus ornatos, apresentam motivos simplesmente decorativos, que nada dizem, assim, da inteligência, da cultura ou das demais virtudes de seu dono.

Muitos *ex libris* ostentam legendas curiosas, em prosa ou verso, escritas freqüentemente em latim, que expressam, no seu sentido filosófico ou poético, a divisa do ideal de seus titulares.

Esses curiosos “selos livrescos” podem ser, de

acôrdo com seus desenhos, paisagísticos, religiosos, brasonados, eróticos, militares e humorísticos, sendo vários os processos usados para a sua confecção artística e gráfica, como a água-forte, o buril (ponta e talho doce), a fotogravura, a similigravura, a xilogravura e a litografia.

Muitos países se retratam perfeitamente nos seus *ex libris*, tais como a Holanda e Portugal, que evocam sempre, nessas marcas, cenas que dizem da alma ou da bravura de seu povo. Seus *ex libris* representam episódios da vida de seus heróis, de seus santos e artistas maiores.

A *caravela* é, por isso mesmo, muito apreciada entre os ex-libristas portugueses, que tiveram, em seus antepassados, grandes navegadores, — hábeis mestres dessa espécie de embarcação, instrumento valioso para as suas descobertas de novas terras.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DO EX LIBRIS

O **ex libris** tem existência remota. Amenofis III dêle fêz uso, 1400 antes de Cristo, numa caixa de papiro, hoje existente no British Museum, em Londres.

Na Mesopotâmia, em tijolos de um mesmo aglomerado, há idênticos sinais cuneiformes, o que induz a pensar-se nessas marcas, ainda nos seus aspectos mais primitivos.

Em sua forma atual, o **ex libris** aparece nos fins do século XV, na Alemanha, contemporâneo da imprensa e da gravura. O mais antigo dêles acredita-se ter sido o de Hans Igler (Johanes Knabensberg), impresso a critério de W. L. Scheuber, confeccionado entre o período de 1470 a 1480. Gravado em madeira, sob inscrição, representa um ouriço colocado de perfil, com uma flor prêsa à boca. O exemplar conhecido está rudemente colorido à mão. Dos mais antigos ainda é o de Hieronimus Ebner (1516), gravado em madeira por Albert Dürer, a quem coube o privilégio de assinar os mais belos **ex libris** conhecidos em todo o mundo. Na Alemanha, a cultura dessas marcas teve um período fulgente, graças, sobretudo, à pleiade de seus gravadores insígnies, como L. Granach, H. Holbein e Dürer.

Na Itália, o **ex libris**, segundo a opinião de diversos estudiosos do assunto, data de 1548, sendo o seu primeiro titular o Monsenhor Cesare dei Conti Gambara,

bispo de Tortona. O famoso **ex libris** de Iacopo Contarini, gravado em cobre, é de 1560.

Os **ex libris** monásticos (religiosos) surgiram no comêço do século XVII e chegaram até nós. Também datam do mesmo século os **heráldicos**, que traziam as **armas** de seus titulares, e, algumas vezes, seus próprios retratos. Esses **ex libris** (tão pretensiosos) ainda são usados, mesmo por pessoas não portadoras de títulos de nobreza.

No século XVIII, a xilogravura, considerada, até então, arte de pouco merecimento, viu-se definitivamente substituída pela gravura em cobre. Esse processo artístico de impressão fascinou a sensibilidade de gravadores de fama, tais como F. Rosaspina, P. Fontana, R. Morghen e F. Bartolozzi, que assinaram magníficos exemplares de **ex libris**. Os acontecimentos políticos tiveram a sua influência nos desenhos das marcas livrescas da época.

A litografia, no século XIX, tentou imprimir um novo impulso a esta forma de arte, sem, contudo, lograr êxito.

No início do século XX, o **ex libris** toma feição popular. Os bibliófilos contemporâneos contribuíram grandemente para o seu desenvolvimento e prestígio entre os homens de pensamento e gosto. A xilogravura, então esquecida, tem neste período o seu renascimento, conquistando novos admiradores. Hoje, principalmente na Europa, a gravação em madeira conta com excelentes artistas, inclusive Charles Favet, que deslumbra os colecionadores com seus trabalhos cheios de vida e originalidade.

O EX LIBRIS NO BRASIL

O uso do **ex libris**, no Brasil, data dos tempos coloniais, sendo o mais antigo deles o de Diogo Barbosa

Machado, abade de Sever, que foi, no conceito de Anibal Fernandes Tomás, um “verdadeiro mestre da bibliografia portuguesa”. Ramiz Galvão viu também nesse frade “o tipo mais completo dos bibliófilos portugueses”. Eram de sua propriedade dois exemplares de **ex libris**, cada qual com uma variante. Foram os mesmos gravados em Lisboa, em 1730, pelo artista Francisco Harrewyn, abridor régio em Bruxelas, que,



Ex libris do Abade Diogo Barbosa
Machado.

com outros gravadores estrangeiros, a chamado de D. João V, esteve em Portugal, com o propósito de ali criar uma escola de gravura nacional. Os seus livros, mais tarde, trazidos para o Brasil, incorporam-se ao patri-

mônio de nossa Biblioteca Nacional, ficando, assim, entre nós, os seus preciosos **ex libris**.

Outras dessas marcas de posse, depois, apareceram em diversos pontos do país, sendo seus titulares o Conde de Povolide, o Marques do Lavradio, o Marques d'Angeja, o Conde de Óbidos, o Conde de Anadia, o Padre Joaquim Dâmaso, o Conde da Barca, que possuía quatro exemplares diferentes, e D. Luiz de Vasconcelos e Souza.

O primeiro **ex libris** genuinamente brasileiro, que data dos fins do século XVIII, pertenceu a Manuel de Abreu Guimarães, provedor da Santa Casa de Sabará, em Minas Gerais. O desenho desse raríssimo exemplar, que é atribuído ao presbítero marianense José Joaquim Viegas de Menezes, simboliza o culto pelas artes e pelo comércio, sendo a sua composição artística digna de registro.

Outro **ex libris** nosso, também dos mais antigos, é o de Joaquim de Oliveira Alvares, "general brasileiro, chefe da Legião Brasileira nas campanhas de 1816 a 1820, vencedor da batalha de Carumbé contra José Artigas, ministro da guerra na Independência e no 1º. reinado. Faleceu em Paris em 1835." (V. col. Rio Branco).

Em 1839, a Escola Militar do Império adotou, para os seus livros, uma etiqueta com os dizeres: **Biblioteca da Escola Militar**, que foram, em 1858, modificados para **Biblioteca da Escola Central**. Em 1874, com a mudança de nome desse educandário superior, a mesma etiqueta recebeu nova denominação: **Biblioteca da Escola Politécnica**.

Outras bibliotecas, no Brasil Império, tiveram os seus carimbos e etiquetas, tais como a **Biblioteca do Arquivo Militar**, a **Biblioteca da Sociedade Recreio dos Artistas**, a **Biblioteca Fluminense**, a **Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (em dois tamanhos), a **Biblioteca do Colégio Imperial Pedro II** e a

Biblioteca da Esquadra Bloqueadora do Paraguai. Três etiquetas tipográficas, da mesma época, merecem aqui referência especial: — a da **Biblioteca Varnhagem**, do Visconde de Porto Seguro, a do insigne naturalista C. Ph. F. Martius e a de D. Tereza Cristina, Imperatriz do Brasil, bem como o carimbo de José da Costa Azevedo (Barão de Ladário).

São do início e meados do século passado o carimbo da **Real Biblioteca** e a etiqueta do Conselheiro Antônio Menezes Vasconcelos Drumond. E mais a de D. José Caetano da Silva Coutinho, bispo e capelão-mór de D. Pedro I, a de Agostinho Marques Perdigão Malleiros (1841) e a de Pedro Caldeira Brant (Conde de Iguçu).

De 1850 até 1900, outras etiquetas, além das citadas, apareceram no Rio de Janeiro, sendo as mesmas de propriedade de José Maria do Amaral, de Silvério Pereira da Silva Lagoa, da Comissão de Limites com a Guiana Inglesa (1875), da Private Library og C. I. Harrah e da British Subscription Library. Por essa época, já os livreiros, não só da Corte como também das províncias, possuíam as suas **marcas**.

São proprietários de **ex libris** no mesmo período: — o Visconde do Rio Branco, Ricardo Gombleton Dautre (o velho), o Barão Homem de Melo, o Barão do Rio Branco, o Visconde e a Viscondessa de Cavalcanti, Salvador de Mendonça, Eduardo Prado, o Conselheiro Cândido Oliveira, Saboia de Medeiros, o Conselheiro Almeida Arêa (Barão de Ourém) e Joaquim Nabuco.

No começo deste século, em 1912, a direção da **Gazeta de Notícias**, publicando uma série de artigos de Manoel Nogueira da Silva sobre o **ex libris**, veio despertar a atenção de várias personalidades ilustres para o estudo dessas marcas de posse de livros, sendo daí

datados os exemplares de Solidônio Leite, de Nuno Smith de Vasconcellos, de Couto de Magalhães, de Oliveira Lima e de Homero Pires.

Outros *ex libris* apareceram depois. Trazem nos seus dísticos nomes festejados como os de Oswaldo Cruz (2 exemplares), Felix Pacheco, Antônio Tôres,



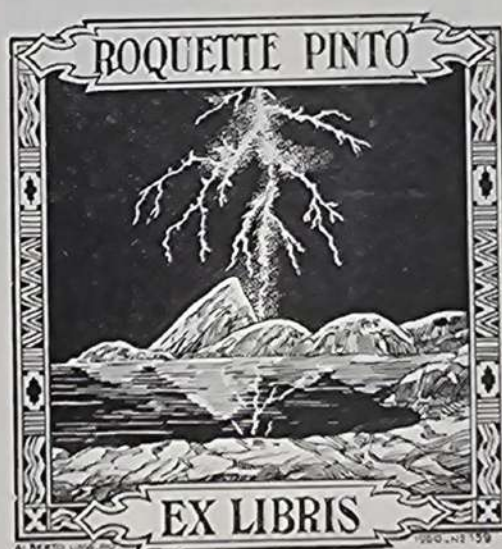
Ex libris do Instituto Oswaldo Cruz, trabalho executado por iniciativa de seu patrono
(Grav. por Stern, em Paris)

Almáquio Diniz, Altino Arantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Alfredo Pujol, 2.º Barão e Baronesa de Vasconcelos, Estevão de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Caio de Melo Franco, Luiz Guimarães Filho, Da Costa e Silva, Gustavo Barroso e os Afonso Arinos (tio e sobrinho), além de outros.

Muitos desses **ex libris** foram desenhados por Raul Pederneiras, por Calixto Cordeiro e Maurício Júbim, este último autor de duas ou três marcas usadas por poetas surgidos em nosso movimento simbolista.

Em 1940, com a fundação da "Sociedade de Amadores Brasileiros de Ex Libris" e, logo após, com a criação do "Clube Internacional de Ex Libris" (1), no Rio de Janeiro, o movimento ex-libristico, no Brasil, adquire novas diretrizes, aumentando consideravelmente o seu número de titulares e colecionadores.

Alberto Lima tem sido o maior, o mais inteligente batalhador em prol desse movimento de arte, dese-



Ex libris de Roquette Pinto.

(Des. de Alberto Lima)

nhando centenas de **ex libris** não só para escritores, industriais, pintores, militares, bibliófilos e artistas em ge-

(1) O "Clube Internacional de Ex Libris" foi fundado por um grupo de colecionadores entusiastas, tendo à frente os Srs. Alberto Lima Oldemar Alvernaz de Oliveira e Paulo Braga de Menezes.

ral, como também para sociedades culturais e bibliotecas espalhadas por todo o território. Incentivou o intercâmbio ex-librístico, divulgando endereços de colecio-



Ex libris do General Zenóbio da Costa.

(Des. de Alberto Lima)

nadores estrangeiros entre colecionadores aqui radicados, o que muito tem servido para o enriquecimento de nossas coleções.

Corrêa Dias, Oswaldo Teixeira, Henrique Cavaleiro, Helios Seelinger, Hans Steiner, Oswaldo Silva, Ney Barreto, Paulo Braga de Menezes, Alvaro Cotrim, J. Wasth Rodrigues, Kiel, J. Heitgn, Armando Pacheco,

Herbert Totz, o notável Carlos Oswald, Paim Vieira e outros eminentes desenhistas têm contribuído igualmente, com seus trabalhos, para o incentivo e aprimoramento crescentes da arte do **ex libris no Brasil**. Entre os mortos, não podemos olvidar os nomes gloriosos de Eli-



Ex libris da Biblioteca Nacional
do Rio de Janeiro.

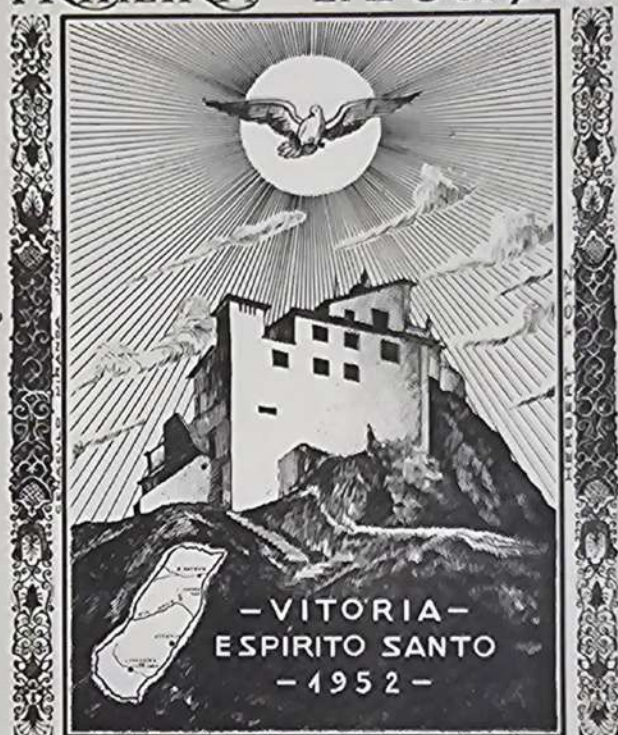
(Des. de Eliseu Visconti)

seu Visconti e Rodolfo Amoedo, autores de alguns exemplares dignos de registro.

Exposições, conferências e leilões frequentes levados a efeito no Rio de Janeiro têm servido como meio de divulgação à cultura desses curiosos “brasões do espírito”, num movimento que se irradia por todos os Estados da Federação, cabendo ao Espírito Santo, por ini-

ciativa dos autores destas linhas, o privilégio da primeira exposição estadual de *ex libris* realizada no país.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO



CAPIXABA DE EX LIBRIS

Marca da Primeira Exposição Capixaba de
Ex libris, realizada na capital do Estado do
Espírito Santo, em março de 1952.

(Des. de Herbert Totz)

A COLEÇÃO DE EX LIBRIS DO BARÃO DO RIO BRANCO

Chegamos, agora, à parte final dêste nosso trabalho. Trataremos de registrar aqui os *ex libris* do Barão do Rio Branco, que foi o primeiro brasileiro a coleção-

nar, entre nós, essas **marcas livrescas**. Já não acreditávamos na existência desses **ex libris**, quando, depois de muitas investigações infrutíferas, fomos, por um acaso, encontrá-los no Palácio do Itamarati. Na biblioteca do Ministério das Relações Exteriores, consultávamos o célebre "Les Ex Libris Français", de A. Poulet-Malassis, quando, surpresos, no final do mesmo livro, nos deparamos com a coleção do Barão do Rio Branco, quase toda ela anotada pelo seu proprietário. O eminente diplomata adicionou folhas em branco à encadernação do livro citado, para nelas colar 93 **ex libris** de diversas nacionalidades.

O Barão do Rio Branco, homem de múltiplas atividades, de espírito irrequieto, não teve, é verdade, os requintes de um colecionador. As suas **marcas** foram, algumas delas, coladas quase que rudemente no raríssimo livro de Poulet-Malassis, nem sempre com a rigorosa classificação de origem, de data, de motivos ou de outras determinações observadas pela maioria dos colecionadores dessas siglas.

O importante, porém, é assinalarmos ter sido, como já frisamos acima, o Barão do Rio Branco o primeiro brasileiro a possuir uma coleção de **ex libris**.

Tanto entusiasmo lhe despertou a cultura desses "brasões", que chegou o grande estadista a trocar correspondência, sobre o assunto, com colecionadores estrangeiros, dos quais recebeu inúmeros pedidos de permuta, conforme constatamos em documentos de seu arquivo.

O Barão iniciou a sua coleção, na Europa, quando esteve, como cônsul geral em Liverpool (1876-1893), sendo elevado o número de marcas inglesas por ele conseguidas.

Na Alemanha, onde o **ex libris** tem viva repercussão entre os homens de pensamento, Rio Branco, que viveu em Berlim (1900-1902), pôde melhor sentir a influência e beleza dessas pequeninas siglas, admirando,

certamente, em museus e bibliotecas, os primores deixados por Dürer e outros gravadores famosos nesse gênero de arte.

Aí, a sua coleção se enriqueceu de exemplares valiosos, conquistados alguns por correspondência e outros por doação de amigos particulares. A maior quantidade de seus **ex libris** pertenceu a servidores de legações e embaixadas, no estrangeiro, pessoas com as quais o Barão estava sempre em contacto.

Nos Estados Unidos (1893-1895), na Suíça (1898-1900), na França e em outros pontos da Europa, o nosso diplomata conseguiu exemplares dos mais preciosos. Os próprios **ex libris** brasileiros de sua coleção foram igualmente conseguidos no estrangeiro. São eles o de Joaquim de Oliveira Alvares (raríssimo), o de Eduardo Prado, os do Visconde de Cavalcanti (Diogo Velho Cavalcanti Lacerda) e da Viscondessa de Cavalcanti (D. Amélia Cavalcanti Lacerda), o do Visconde de Rio Branco e o de Joaquim Nabuco. Foram todos adquiridos em Paris, sem dúvida, das mãos de seus próprios titulares, com exceção do primeiro citado, que pertenceu a um dos nossos generais, falecido em 1835, na França.

Rio Branco (V. marcas ns. 46, 47 e 49 da Col. R. B.) teve também o seu **ex libris**, em três estados, com seis variantes. O **ex-libris** foi gravado em Paris, por Agry, por volta de 1887, e traz, nos seus ornatos, um trecho da baía de Guanabara, com a Pedra de Itapuca em primeiro plano (1). O desenho, aproximada-

(1) O nosso incansável amigo Alberto Lima, já sabedor da existência deste trabalho, pelas colunas do "Jornal do Brasil", edição de 21-6-53, fez, sobre a origem da marca de posse do Barão do Rio Branco, a seguinte observação: — "Sua amizade com Agry, segundo depoimento verbal do saudoso confrade Paulo José Pires Brandão, resultou a lembrança do artista francês, em reconhecimento às encomendas recebidas por intermédio do Barão, resolver surpreendê-lo com a delicada oferta de seu **ex libris** finalmente gravado a buril, cujo desenho não representava, segundo ainda Pires Brandão, a personificação do futuro Grande Chanceler. Entretanto, esta hipótese foi contrariada pelo próprio Barão, que, além de o usar, aplicou-o no frontispício do "Album de Vues du Brésil", executado sob sua direção, para a Impressora A. Lahure, de Paris — 1889."



Retrato de Rio Branco, quando Cônsul Geral em
Liverpool (1876-1893), época em que iniciou a sua
coleção de ex libris.

A. POULET-MALASSIS

—
LES

EX-LIBRIS

FRANÇAIS

DEPUIS LEUR ORIGINE JUSQU'À NOS JOURS

—
NOUVELLE ÉDITION, REVUE, TRÈS-AUGMENTÉE
ET COMME DE VINGT-QUATRE PLANCHES



PARIS

CHEZ P. ROUQUETTE, LIBRAIRE
85-87, PASSAGE CHOISEUL, 85-87

—
M DCCC LXXV

Folha de rosto da 2ª. edição de "Les Ex-Libris Français", em cujo volume Rio Branco adicionou folha em branco, para nelas coleccionar os ex libris (93 exemplares) adiante relacionados.

mente em forma de círculo, é emoldurado por delicada ramagem, tendo, acima, entrelaçada em duas asas (símbolo do pensamento), a expressiva legenda: **UBIQUE PATRIAE MEMOR**. O desenho ostenta, na parte inferior, seu brasão de armas. No **primeiro estado**, êsse brasão não traz coroa. No **segundo estado**, lê-se, sob o conjunto descrito, os seguintes dizeres: **Da Biblioteca de J. M. da Silva Paranhos, Barão de Rio Branco**. Finalmente, no **terceiro estado**, além dos dizeres de posse, sobre o brasão de família, a coroa correspondente a seu título nobiliárquico.

Ainda com referência ao desenho dêsse **ex libris**, temos a informar que o mesmo foi inspirado numa fotografia de Marc Ferrez, que apareceu no "Albun de Vues du Brésil, publicado em 1889, em Paris, sob a direção de Rio Branco.

O Barão, de seu **ex libris** (2.º e 3.º estados), tirou,



Ex libris (formato pequeno)
de Rio Branco, usado apenas
em peças de sua mapoteca.

(Col. Manuel Esteves)

pelo que pudemos registrar, duas impressões em cores: marron e preto. Quanto ao tamanho, a sua sigla apresenta seis variantes, conforme dissemos acima. Uma dessas variantes, êle a usava somente nos mapas relativos às nossas questões de limites com países vizinhos.

Pelo que ficou dito, teria notado o leitor, por certo, a atenção que Rio Branco dispensava ao uso dessas marcas de posse. Não sabemos mesmo de outro colecionador brasileiro que tivesse, como êle, demonstrado tanto interesse por seu próprio **ex libris**.

O Visconde do Rio Branco, incentivado pelo filho ilustre, teve também a sua marca livresca.

Encontramos, nos papéis deixados por Rio Branco, o **croquis** de um desenho de **ex libris** feito pelo Barão, no qual aparecem, em dois medalhões, dis-

tintamente, a sua efígie e a do Visconde. Rio Branco, que tinha pelo pai elevada estima e respeito, pensou em homenagear assim a figura do notável abolicionista, o que lhe traria, no convívio dos livros, sempre viva a lembrança paterna.

Os documentos da Comissão de Limites com a Guiana Inglesa (1875), que se encontram no Palácio do Itamaratí, tiveram todos o seu **ex libris** próprio, trabalho feito por ordem de Rio Branco, que já por aquê tempo se interessava pela arte ex-librística.

* * *

Publicaremos agora a relação de seus **ex libris**, respeitando a distribuição que lhe deu, no livro de Poulet-Malassis, o insigne diplomata:

- 1) — **Ex libris** (gravado) de Mr. Le Ch. de Fleurieu. — França;
- 2) — **Ex libris** (gravado) não identificado. — França;
- 3) — **Ex libris** (gravado) de Antonu Brunet. — França;
- 4) — **Ex libris** (gravado por C. Eisen, século XVIII) de Mme. d'Arconville. — França;
- 5) — **Ex libris** (gravado) de Sigmund Von Erlach. — Alemanha;
- 6) — **Ex libris** (gravado) não identificado. — França;
- 7) — **Ex libris** (gravado por N. Le Mire) de J. B. Descamps (pintor nascido em 1711 e falecido em 1791). — França. Traz anotação (ilegível) de R. B.;
- 8) — **Ex libris** religioso (gravado) não identificado. — Itália;



Fac-símile de uma das páginas da coleção de Rio Branco, com dois exemplares de seu ex libris (2º. e 3º. estados).

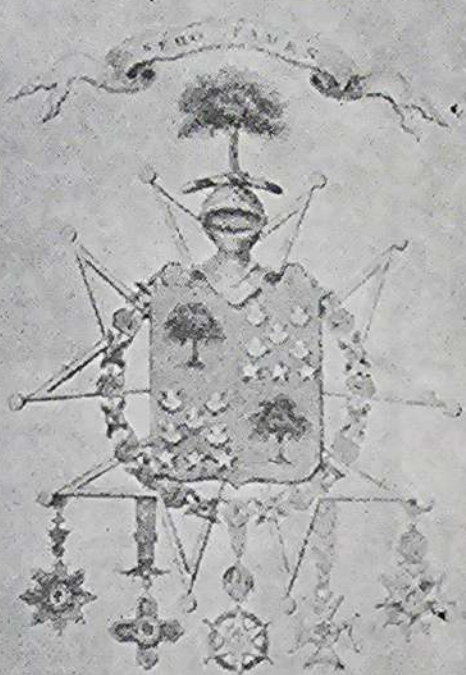


Fac-simile de uma das páginas da coleção de Rio Branco, com o ex libris do Visconde do Rio Branco. O ex libris (1.º estado) do Barão está anotado pelo seu proprietário.

- 9) — **Ex libris** (gravado em 1750) de Josephi Xaupi.
— França;
- 10) — **Ex libris** (gravado) de D.D. De La Luzerne.
França;
- 11) — **Ex libris** (gravado) não identificado. —
França;
- 12) — **Ex libris** (gravado) de John Simmons —
Inglaterra;
- 13) — **Ex libris** (gravado por D. Coster) não identi-
ficado. — França;
- 14) — **Ex bibliotheca** (gravado) de C. F. Pruvost.
— França;
- 15) — **Ex libris** (gravado) não identificado. — Traz
esta indicação de R. B.: **de Nergennes**. —
França;
- 16) — **Ex libris** (gravado) de William Wilberforce.
Traz esta indicação de R. B.: **W. Wilberforce**
n. em Hall 1759 + 1833 M (ilegível), célebre
pela sua campanha em favor da abolição do
tráfico de africanos, que produziu a lei de 23
de Fev. 1807. — Inglaterra;
- 17) — **Ex libris** (gravado) de Robert Southey. —
Traz esta indicação de R. B.: **poeta laureado**
desde 1813. Poeta e historiador, autor da His-
tory of Brazil. N. em Bristol 12 Ag. 1774 + em
Keswick 21 Março 1843 (sua residência perto
de Keswick chamou-se Greta-Hall). — Ingla-
terra;
- 18) — Marca gravada por J. Chauvet. Traz, ao cen-
tro, o autógrafo do mesmo, com enderêço. —
França;
- 19) — **Ex libris** (gravado) da Bibliothèque de Me.
Pierre — Anne-Louis Maton de la Varenne.
Traz esta indicação de R. B.: **+ d'Agriculture.**
— França;

- 20) — **Ex libris** (gravado) talvez do Duque de Bour-
gogne. Traz uma indicação, em francês, de R.
B. — **França;**
- 21) — **Ex libris** (gravado) da Bibliotheque de Mr.
Jourdan. — **França;**
- 22) — **Ex libris** (gravado) da Bibliotheca Hyacinthi
Theodori Baron — **França;**
- 23) — **Ex libris** (gravado) de Lord Auckland. — **In-
glaterra;**
- 24) — **Ex libris** (gravado) de Lord Farnham. — **In-
glaterra;**
- 25) — **Ex libris** (gravado em 1779) de George Fair-
holme. — **Inglaterra;**
- 26) — **Ex libris** (gravado) não identificado;
- 27) — **Ex libris** (gravado por Henry Hoys) de Joa-
quim de Oliveira Alvares. Traz esta indicação
de R. B.: "**Ex libris de Joaquim de Oliveira
Alvares, General brasileiro, chefe da Legião
Paulista nas campanhas de 1816 a 1820, vence-
dor da batalha de Carambé contra José Arti-
gas, ministro da Guerra na Independência e no
1.º reinado. Faleceu em Paris 1835. Sepultado
no cemiterio de Montmartre. Delle falou com
louvor Aug. de St. Hilaire na sua Viagem a
Sta. Cath. Brasil**";
- 28) — **Ex libris** (gravado) não identificado. **Inglaterra;**
- 29) — **Ex libris** (gravado por M. N.) de Courey. O
desenho apresenta um anagrama do titular. —
França;
- 30) — **Ex libris** (gravado por Stern) de H.S.W. —
Inglaterra;
- 31) — **Ex libris** (gravado) de Eduardo Prado. —
Brasil;
- 32) — **Ex libris** (gravado) de W. T. de Florian. Au-
tografado. Traz a legenda: **Ignorare Ignorari.**
França;

1.º 1.º grã-mestre: Oliveira
 2.º 1.º Calceiros
 3.º 1.º Calceiros do
 4.º 1.º Calceiros do



(27)

1.º 1.º grã-mestre: Oliveira
 General brasileiro, foi da época Paulista nas
 campanhas de 1816/1820, venceu a batalha
 de Carumbé contra José de Albuquerque, na guerra
 da Guaporé na Independência. Foi o primeiro
 a ser nomeado em 1835. Legatado no exterior
 Montevideo. Deu fôlego com o nome de
 1.º 1.º grã-mestre: Oliveira

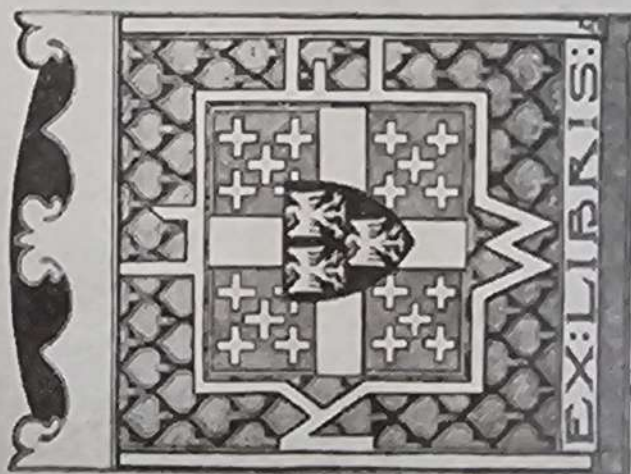
*E. Graf von Leiningen-Westerburg
Villa-Magden, Neupasing bei München*



64

*Im Count K. v. Leiningen-Westerburg
(P. W. Schütz von Brühl, Wachen, 1875)
(L'ancien château de Neuleiningen, Palatinat, 123e, par le
P. de la Cour, 1696)*

*Plaque pour la bibliothèque
1900
König*



65

Fac-simile de uma das páginas da coleção de Rio Branco, com detalhadas anotações do Barão, o que evidencia o seu conhecimento sobre as peças de sua propriedade.

- 33) — **Ex libris** (gravado) de la Béraudière. — **França;**
- 34) — **Ex libris** (gravado) de John Lewis Brown Junior. — **Estados Unidos;**
- 35) — **Ex libris** (gravado) de Vicomte de Gramont D'Aster — **França;**
- 36) — **Ex libris** (gravado) da Bibliothèque du Château de Grenade. Traz esta indicação: **de Carayon — Latour. — França;**
- 37) — **Ex libris** (gravado) da Bibliothèque du Duc de Gramont. — **França;**
- 38) — **Ex libris** (gravado) da Bibl. Genle. — **França;**
- 39) — **Ex libris** (gravado) de Paul Sedille Arch. — **França;**
- 40) — **Ex libris** (trabalho de Stern) de Antônio E. D'Ornellas. — **Portugal;**
- 41) — **Ex libris** (gravado por Stern) de Urbain Chevreau, anotado por R. B. — **França;**
- 42) — **Ex libris** (gravado) de L. Ph. Delamain. — **França;**
- 43) — **Ex libris** (gravado por Stern) não identificado. — **Itália (?) ;**
- 44) — **Ex libris** (gravado por Stern) não identificado. — **França (?) ;**
- 45) — **Ex libris** (gravado por Stern) de Clericeau. — **França;**
- 46) — **Ex libris** (gravado por Agry) da Bibliotheca de J. M. da Silva Paranhos, Barão de Rio Branco (2.º estado). — **Brasil;**
- 47) — O mesmo **ex libris** do Barão de Rio Branco (3.º estado) ;
- 48) — **Ex libris** (zincogravura) do Visconde de Rio Branco (J. M. da Silva Paranhos). — **Brasil;**
- 49) — **Ex libris** do Barão de Rio Branco (1.º estado) ;

- 50) — **Ex libris** (gravado) do Visconde de Cavalcanti (Diogo Velho de Albuquerque Lacerda). Anotado por R. B. — **Brasil**;
- 51) — **Ex libris** (gravado por Agry) da Viscondessa de Cavalcanti (D. Amélia de Albuquerque Lacerda). — **Brasil**;
— **Brasil**;
- 52) — **Ex libris** (gravado por Agry) de Carlos José Armstrong. — **França**;
- 53) — **Ex libris** (gravado por Agry) de E. B. (procedência não identificada);
- 54) — **Ex libris** (gravado) da Bibliothéque de Mr. Berryer. — **França**;
- 55) — **Ex libris** (gravado) do Imperador Maximiliano do México. — **Austria**;
- 56) — **Ex libris** (gravado) de Shelburne. — **Inglaterra (?)**;
- 57) — **Ex libris** (gravado) de Joannis Guillou. — **França**;
- 58) — **Ex libris** (gravado) de Holland House. — **Inglaterra**;
- 59) — **Ex libris** (zincogravura, trabalho de F. W) da Societas Pharmaceutica Helvetiae. — **Suiça**;
- 60) — **Ex libris** (xilogravura) da Bibliothek des Pharmaceutischen Institutes der Universitat Bern. — **Suiça**;
- 61) — **Ex libris** (zincogravura) de Pauli Devcher. Anotado por R. B. — **Suiça**;
- 62) — **Ex libris** (gravado) de A. Elmirm. — **Suiça**;
- 63) — **Ex libris** (gravado) de Victor Eugène Zellweger. — **Suissa**;
- 64) — **Ex libris** (zincogravura, 1895) de Karl Emich Graf zu Leiningem. Traz anotações de R. B. — **Alemanha**;
- 65) — **Ex libris** (zincogravura) não identificado. Traz anotação de R. B. — **Alemanha**;



(83)



(84)



(85)



(86)

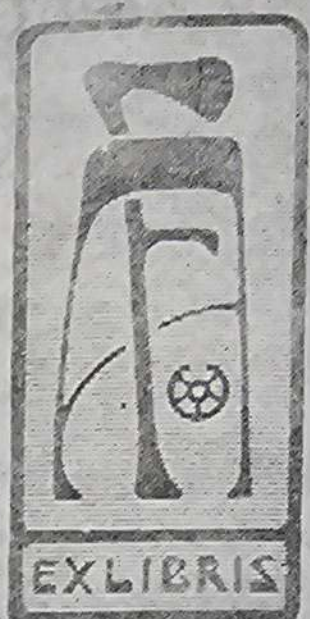


(87)

Fac-símile de uma página da coleção de Rio Branco, com marcas adotadas por pessoas de uma só família.



88



89



90



91



92

Fac-símile de uma das páginas da coleção de Rio Branco, notando-se o ex libris de Joaquim Nabuco, com indicação do colecionador

- 66) — **Ex libris** (zincogravura) de K. E. Graf zu Leiningen (V. n.º 64) — Desenho de G. Otto (1900) — **Alemanha**;
- 67) — **Ex libris** (zincogravura) de K. E. Graf zu Leiningen (V. ns. 64 e 66) — **Austria**;
- 68) — **Ex libris** (zincogravura) de Karl Emich e Magda. — **Alemanha**;
- 69) — **Ex libris** (zincogravura) de Marie Marie Magdalene (titular da família de Karl Emich). — **Alemanha**;
- 70) — **Ex libris** (em côres) do Museum Magdeburg, feito por F. Stassen. — **Alemanha**;
- 71) — **Ex libris** (zincogravura) do Dr. Georg Burchard. — **Alemanha**;
- 72) — **Ex libris** (zincogravura) do mesmo titular (V. n.º 71).
- 73) — **Ex libris** (zincogravura) do mesmo titular (V. n.ºs 71 e 72). — **Alemanha**;
- 74) — **Ex libris** (zincogravura) de Magda (V. n.º 68). Traz esta anotação de R. B.: **par Ed. Lorheijer — grand marchand à Hambourg 1896.** — **Alemanha**;
- 75 — 76 — 77) — **Ex libris** (xilogravura) de M. Strauss (impressão em verde-amarelo e marrom), respectivamente — **Alemanha**;
- 78 — 79 — 80) — **Ex libris** de Georges Goury (docteur em Droit — Avocat à la Cour) — O exemplar n.º 79 traz a seguinte legenda: "Fert in omnia rutubam et tristiam terribilis amor". — **França**;
- 81 — **Ex libris** de Hermann Graf Arnim (zincogravura). Desenho de G. Otto (1900). — **Alemanha**;
- 82) — **Ex libris** da Bibliothek der Disconto — Gesellschaft Zu Berlin. (zincogravura). Desenho de G. Otto (1900). — **Alemanha**;

- 83 — 84) — Ex libris de Sophie Von Foelkersam (zincogravura). — **Alemanha;**
- 85 — 86 — 87) — Ex libris da Família Foelkersam (zincogravura). — **Alemanha;**
- 88) — Ex libris de Sofie Foelkersan (zincogravura). — **Alemanha;**
- 89) — Ex libris de A. F., membro da família Foelkersam (zincogravura). — **Alemanha;**
- 90) — Ex libris de Joaquim Nabuco. Traz a lapis, escrito pelo Barão, o nome do titular (gravado) — **Brasil;**
- 91 — 92) — Ex libris de A. F., membro da família Foelkersam (zincogravura). — **Alemanha;**
- 93) — Ex libris de la Bibliotheque de M. Lavoisier (gravado por De Gardette, século XVII, conforme nota de R. B.). Este raríssimo ex libris francês foi publicado no livro de Poulet Malassis. O Barão colocou o seu exemplar ao lado do que aparece impresso no citado livro. Os ex libris da Família Foelkersan foram oferecidos a Rio Branco pelo Barão de A. V. Foelkersan, que residia em Petesburgo, na Alemanha. Georg Burchard ofereceu os seus **ex libris** (vide relação ns. 71, 72 e 73) ao Barão, por correspondência datada de 2 de maio de 1902. Residia o titular em Berlin.

Isso prova, que Rio Branco, na Europa, era também conhecido como ex-librista.

* * *

Publicando esta relação, onde figuram raros ex libris de diversas nacionalidades, tivemos como único objetivo mostrar, aos nossos colecionadores, a existência dessas discutidas marcas livrescas. Lastimamos não pu-

blicar tôdas elas, em **fac-similes**, o que viria aumentar sobremodo o custo de impressão dêste livro.

Cremos, também, que já não há mais dúvida quanto à afirmativa de ter sido o Barão do Rio Branco o primeiro colecionador brasileiro de **ex libris**.

Assim sendo, êle ficará, de hoje por diante, como patrono oficial de nosso movimento ex-librístico, o que constitui, naturalmente, motivo de orgulho para os colecionadores patrícios.

BIBLIOGRAFIA

- FELIPE TEIXIDOR — *Ex libris y Bibliotecas de México, México, 1931.*
- POULET-MALASSIS — *Les Ex-libris Français depuis leur origine jusqu'à nos jours, Paris, 1875.*
- WALTER HAMILTON — *French Book-plates for ex-libris collector's, Londres, 1893.*
- J. GELLI — *3.500 ex libris italiani, Milão, 1908*
- F. BUDAN — *Saggio di bibl. degli ex-libris, 2a. ed. Leipzig, 1906.*
- R. BRAUGART — *Das Ex libris der Dame, Muenchen, 1923.*
- H. WILDERMANN — *Ex Libris, Regensburg 1922.*
- ARTHUR G. HASSO — *Danske Ex libris, Kopenhagen, 1942.*
- BENJAMIN LINNIG — *Bibliothèque & Ex-Libris d'Amateurs Belges aux 17e. a 19e. siècles, Paris, 1906.*
- ANÍBAL FERNANDES TOMAS — *Os Ex libris Ornamentais Portugêses, 1905.*
- FRANCISCO ESTEVE BOTEX — *Ex libris y Exlibristas, Aguilar, S. A. de Ediciones, Madrid, 1949.*
- OTAVIO DE CAMPOS TOURINHO — *Arquivo Brasileiro de Ex Libris, Rio de Janeiro, 1951.*
- RAMIZ GALVÃO — *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Vol. I, págs. 3738-, 1876.*
- COLEÇÃO DE EX LIBRIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO.
- BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES — *Rio de Janeiro.*
- ARQUIVO DO BARÃO DO RIO BRANCO, Palácio do Itamarati, Rio de Janeiro.

Americo de Sousa Pinto

23-1-63

crey. 1.100.000,00 a coleção

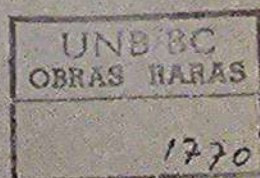
W. F. 275

ALOISIO NAPOLEÃO — *O Segundo Rio Branco*, Editora "A Noite", Rio de Janeiro, 1940.

NOTICIÁRIO DA 1a. EXPOSIÇÃO CAPIXABA DE EX LIBRIS, in *A Tribuna*, *A Gazeta*, *Folha do Povo*, março de 1952, Vitória, Espírito Santo (*).

(*) Os autores agradecem ao ilustre Ministro Orlando Guerreiro de Castro e ao Sr. Armando Ortega Fontes as informações que, no Palácio do Itamarati, gentilmente, se dignaram a lhes prestar sobre algumas peças da coleção de *ex libris* de Rio Branco, — o que muito contribuiu para a realização deste trabalho.

R.
097(81)
E 512



N/62
240-

Libra 4.ª an. 1800
Ex - libro.